

Orgão da classe caixeiral

Publica-se regularmente aos domingos

ANNO I

Domingo, 24 de Setembro de 1882

NUMERO 9

AVISO

Qualquer negocio com relação á este periodico deve-se tratar no escriptorio do mesmo e com Francisco de Assis Costa, na rua do Principe n. 1 D.

O CAIXEIRO

DESTERRO 24 DE SETEMBRO DE 1882.

A imprensa occupa sempre lugar importante nos destinos da sociedade.

E' nobre a sua missão.

Castigando o vicio, corrigindo costumes, inculcando no espirito da humanidade o amor da instrucção, ella presta assignalados serviços á causa do progresso

Folhetim

O CÃO NEGRO

Conto por

D. Antonio de Trubea

II

(Continuação do n.8)

—Rapariga, dinheiro, e mula...Trez bons negocios!

Os caldeiros continuaram a fallar, mas em voz baixa, porque a padeira já estava perto.

—Miguel, gritou Augusta quando passou em frente da cabana; mas, vendo que Miguel não apparecia, continuou o seu caminho.

O cãosito preto subio em direcção á cabana, entrou e começaram a fazer festas a Miguel que continuava a

so das nações, que trabalham incessantemente, sem tregua, em demanda da resplendente luz da perfectibilidade.

Campo vasto, onde se combatendo os principios da egualdade, da fraternisação, á sombra da liberdade imprensa, desde o seu nascimento, tem caminhado, no mundo, por sendas gloriosas, conquistando sempre a luz dos grandes commettimentos.

Da imprensa, pois, surge a esperança que anima a mocidade, sedenta do amor da instrucção, guia-lhe os passos na senda do futuro, em busca da gloria, a guia soberba a esvoaçar pelas regiões do infinito.

Pregocira das liberdades publicas, a imprensa, na actualidade, tornou-se soberana nas lutas ingentes das idéas grandiosas.

De dia em dia, de instante a instante desfralda aos quatro ventos o brilhante ertandarte dos seus triumphos.

A sua missão é nobre, illimitados os seus deveres.

dormir; mas conhecendo pelas campainhas da mula que sua dona se ia affastando, apressou-se a saltar para a estrada, e continuou atraz da mula.

III

Augusta, ao passar a ponte para seguir a estrada que atravessa a montanha, vio os dois caldeiros encostados a uma arvore. Parou um momento, e descorou como se presentisse alguma desgraça; depois continuou o seu caminho, fazendo um grande esforço para apparentar serenidade.

—Muito boas tardes, meus senhores, disse ella aos desconhecidos.

—Olá! minha flôr, disseram os caldeiros, chegando-se para junto d'ella. Donde vens?

—De Castro.

—Já sabes que tens que pagar a ponte?

—Qual ponte?

—A que acabaste de passar.

—É quanto se paga? perguntou Augusta tremendo.

—Todo o dinheiro que lewares, respondeu um dos

BIBLIOTHECA PUBLICA

No seculo em que vivemos, com toda a verdade appellidado seculo das luzes, a instrucção é a primeira qualidade porque se distingue o homem.

Pode-se ser titular, commendador, milionario, se for ignorante nunca passará de um homem vulgar; mas o homem illustrado, instruido, embora da mais infima condição social, predominará sempre entre seus iguaes, e em pouco tempo subirá acima de seus superiores.

Estudar, estudar constantemente, é o conselho que daremos sempre, não só a juventude, mas a todo o ente racional, sem distincção de sexo ou idade.

Podem objectar-nos que nem todos tem dinheiro para comprar livros; é verdade, mas porisso mesmo é que se crearão as bibliothecas publicas.

Temos uma nesta Capital, que se não é completa, tem contudo grande numero de livros instructivos e recreativos.

Seria para desejar que tal bibliotheca estivesse aberta aos domingos, e dias santificados, pelo menos das 10 horas da manhã ás 2 da tarde, afim de que a classe caixeiral podesse vizital-a e utilizar-se della.

caldeireiros agarando-se á pobre rapariga, enquanto o outro lançava mão do freio da mula.

—Jesus! Quem me acode! gritou a desgraçada Augusta no momento em que um dos caldeireiros, homem de herculea forças, a arreatava nos seus braços, levando-a para o matagal que estava á borda da estrada.

O cão preto atirou-se furioso ás pernas do que roubava a sua dona, mas o caldeireiro atirou-lhe um grande pontapé, e fê-lo retroceder.

—Virgem Santissima, valei-me!... Miguel! Miguel!... Soccorro!... gritava Augusta, cada vez com a voz mais debil.

E então o cão correu, ou antes, arrastou-se á cabana de Miguel, onde entrou dando uivos dolorosos.

Miguel despertou ao barulho que fazia o cão, ouviu os gritos de soccorro que soltava a infeliz Augusta. Comprehendendeu logo o que se passava, porque

A ESGRAVIDÃO

Ha no nosso paiz instituições que fazem a zombaria e o escarneo das nações civilisadas—notando-se entre muitas—a escravidão!

Escravidão! nome este que quando pronuncia-se faz uma commoção no coração humano!

Quem ousará dizer o contrario?

Ninguem, certamente.

Não serão os escravos filhos do Brazil?

Não serão os escravos baptisados como nós? Certamente que sim.

Como, pois, nós brazileiros, filhos desta terra de Santa Cruz, sacrificarmos, captivarmos brazileiros tão livres como nos?

Isto não passa de uma monstruosidade que não tem explicação alguma.

Se o governo acabasse com a escravidão certamente que o Brazil miraria uma nova epocha de engrandecimento, e caminharía na frente das nações mais civilisadas do globo!

O Brazil, nação assaz civilisada não deve jamais deixar continuar a escravidão que torna-se uma mancha negra nas laudas de nossa historia.

A. F. Mello.

(Continua.)

ao levantar-se da cama, vio um dos caldeireiros que segurava no meio da estrada a mula da padeira, e o movimento dos mouiteiros onde a desgraçada lutava com o outro malvado.

Miguel ficou todo cheio de medo, pensando que eram pelo menos dois os que tinham assaltado a padeira, e não se atreveu a sahir da cabana, a cuja porta o cão continuava uivando desesperadamente.

Os gritos de Augusta eram cada vez mais debeis e dolorosos:

—Miguel, Miguel!... Soccorro!... que me matam!... Miguel! acode-me!...

O cão, vendo que Miguel não agarrava o machado que estava á porta da cabana e não corria em soccorro da sua dona, abandonou aquelle cobarde.

Pouco depois cessaram de todo os gritos de Augusta, e Miguel vio os caldeireiros montarem cada um em sua cavalgadura, e dirigirem-se para a estrada de Salamando, em direcção ás montanhas de Aleu.

(Continua.)

LITTERATURA

Horas vagas

UMA MOÇA INFELIZ (*)

Por

JOSE PRATES

I

Depois de um momento de silencio, começou :

„Nasci na Italia, n'uma casinha a beira-mar. Meus pais eram pobres mas honrados.

Durante o dia trabalhavam: meu pai na pesca, minha mãe na agulha. Como criança que então era, pouca ou nenhuma attenção ligava ao nosso estado: só anhelava os folguedos da meninice. Emquanto meus pais trocavam o suor do trabalho pelo pão quotidiano, eu, com algumas companheiras, divertia-me em correr pelos campos. Assim passaram-se oito annos.....

Um dia, meu pai recolheu-se triste e silencioso; minha mãe mostrou-se afflicta á vista do semblante taciturno de meu pai. Pela minha parte não deixei de estranhar tão repentina mundança. O pobre velho, com quanto pobre, era falgazão; sempre que se recolhia á casa era com semblante prazenteiro. N'aquelle dia, porém, tinha mudado muito.....

—O que tens, meu velho? perguntou-lhe a minha mãe, com as lagrimas nos olhos.

—O que tenho? queres saber o que tenho? repetio elle com um sorriso doloroso nos labios. Tenho que estamos sem pão!.... A pesca acabou-se, e, por consequencia, não temos com que viver!...

Dizendo isto, curvou a cabeça, e com a manga da jaqueta enxugou uma lagrima.....

Minha mãe chorava e eu chorava ao ouvirmos a resposta de meu pai:

(*) Fragmentos do ensaio romantico intitulado

— „A Caverna Maldita.”

DO AUTOR.

II

De repente, como que cedendo ao impulso de uma idéa repentina, meu pai ergueu-se e sahio. Quizémos detelo receiando alguma desgraça, mas elle já ia longe.

—Que irá elle fazer? era a pergunta que faziamos mutuamente.

Durante duas horas que, para nós, passaram-se com a lentidão de dous seculos, soffremos horrivelmente.

Uma duvida cruel fazia-nos conceber ás mais extravagantes idéas, que, felizmente, não se realisaram.

Resavamos, quando elle entrou offegante.

—Foi Deos quem te trouxe, disse-lhe minha mãe, enxugando as lagrimas e indo-lhe ao encontro.

—Já achei um expediente de que temos de lançar mão para não morrermos á mingua, disse elle.

—Qual é? interpelou minha mãe, alegremente.

—A imigração.

—A imigração! repetio o pobre senhora, impallidecendo.

—Sim, a imigração... O que tem?

—Nada respondeu ella, ocultando uma lagrima.

—Porque choras? Preferes ficar aqui sem sustento, gemendo nas garras da miseria, a ir para o estrangeiro, não digo viver na abastança, mas ao menos ter um pedaço de pão para matar a fome?

—Mas, meu amigo, tens convicção de que lá seremos mais felizes do que não somos aqui?

—Segundo o que me disseram, não faltará serviço, e, por consequente, onde ha trabalho ha pão.

Durante este dialogo, conservei-me calada. A idéa de deixar a cabana onde nascera, os campos onde brincára, fazia-me verter copiosas lagrimas.... Mas forçoso era resignar-me com a vontade paterna.

III

Dias depois, vendido já o pouco que possuamos, embarcamos n'um navio que dava a vela para esta terra. Por companheiros de viagens, além da tripulação, tinhamos alguns infelizes que, como nós, erão forçados pela necessidade a deixar sua patria.

(Continua)

POESIAS

RECITATIVO

QUEIXUME

Feliz romeiro a divagar no mundo
Pelago fundo de martyrio e dôr,
Eu choro as noutes do viver risonho,
Lamento o sonho do passado amor!

Minh'alma geme, me palpita o peito
Cruel effeito de cruel rigor...
Fria descrença me varreo da mente
Scisma innocente do meu puro amor.

Negra saudade a maltratar-me a vida,
Trista, abatida neste mar de dôres
Punge minh'alma, me desperta á mente
Quadra ridente de fragrantas flôres

E' meu presente soffrimento e magoa.
E' dor, é fragoa meu viver presente!
Dai-me um sorriso dos teus labios, bella,
Meiga donzela—viverei contente.

EURICO.

SONETOS

A' minha mãe.

Não sei ó minha mãe, que de formoso e santo
Eu vejo quando olhas sómente para mim;
Meu Deus! se eu tivesse um olhar tão lindo assim,
Teria, que ventura! que amor! que amor! que encanto!

Não sei que doce allivio eu sinto, quando o pranto
Em gottas prateadas deslisa sobre mim;
Será ainda o balsamo d'aquelle amor sem fim
Com que tu me dizias:—não chores, filho, tanto...

Mamãe! ó mãe querida!—mulher por mim amada,
Que vives n'este mundo como vive a flôr
Aos beijos e sorrisos d'aurora enamorada;

Acceita o humilde canto tão pobre e sem primor,
Que á ti este teu filho, em lyra já quebrada
Dedica como prova do mais eterno amor.

Desterro, 23 de Setembro de 1882.

CARLOS DE FARIA

GORDINHA



AO AMIGO PEPE

Aujo! santificarás minha paixão!
Mulher emprehenderás o meu amor?...

Deste bello torrão, minha GORDINHA,
Tu és a mais formosa das meninas,
P_r teres a candura das boninas
Desbrochando geitís, já á tardinha!

Por isso na minh'alma, mui asinha
Senti que despertavam, matutinas
As flôres d'este amor, esmeraldinas
Que lucidas serão, se fôres minha!...

Mas se o não quizer a triste sorte
Da miseria que almeja um só thesouro...
E calque-me esta idéa a cruel morte!...

Então, linda deidade!—Sem desdouro
Te peço, que conserves, sempre, forte!
O meu nome em teu peito— em lettras d'oiro!...

DESTERO 15 DE SETEMBRO DE 1882.

VIRGILIO VARZEA.

Officina Typographica

do CAIXEIRO

N'esta officina aprompta-se qualquer trabalho typographico; como seja:
cartões de visita, cartas para participação de casamento, facturas, notas, recibos
Recebe-se encomenda no escriptorio desta folha